

## A ROMANIZAÇÃO COMO CATEQUESE: A DOCTRINA PASTORAL DOS BISPOS

Fernando Arthur de Freitas Neves <sup>1&2</sup>

### RESUMO

O ensino da doutrina católica pelos bispos da igreja do século XIX teve de lutar com o pensamento liberal triunfante. As muitas encíclicas papais denunciando os erros do século como a rebelião dos ímpios, o fim do celibato, do casamento religioso, do poder soberano do papa, da liberdade de consciência, da liberdade de imprensa e maçonaria dirigiram os ensinamentos dos bispos. A catequese uma vez mais serviu a igreja para confirmar a doutrina como a única verdadeira. Na diocese do Pará os bispos ensinaram a segurança da sociedade tradicional contra as liberdades modernas.

Palavras-Chave: romanização; ensino; catequese; ultramontanismo; secularidade.

### ROMANIZATION AS CATECHESIS: A PASTORAL DOCTRINE OF BISHOPS

### ABSTRACT

The teaching of Catholic doctrine by the bishops of the church of the nineteenth century had to fight with the liberal thought triumphantly. The many papal encyclicals condemning the errors of the century as the rebellion of the wicked, the end of celibacy, the church wedding, the sovereign power of the pope, freedom of conscience, freedom of press and Freemasonry drove the teachings of the bishops. Catechesis once again served to confirm the church doctrine as the only true. In the diocese of Para bishops taught the safety of traditional society against modern freedoms.

Keywords: Romanization, teach, catechesis, ultramontano, worldly.

A formação do episcopado nacional brasileiro<sup>3</sup> pode ser percebida nas intenções dos antístistes do Pará ao proverem a igreja de um ensinamento fundado na doutrina de Trento, atualizada pelo movimento de romanização no século XIX, cujo braço político foi expresso pelo ultramontanismo. Em nível mundial a igreja defende a primazia do poder espiritual sobre o poder temporal, por essa significação resguardou o reconhecimento do poder soberano do/para o papa, estendo seu poder sobre o governo da igreja em qualquer parte onde esta estivesse. No Brasil, a defesa expressiva quanto aos diretos da igreja diante do estado erigido a partir do império como consequência da separação da coroa de Portugal compôs novamente o interesse da sociedade tradicional ao confirmar o regime do padroado. Sucedâneo do regalismo português, este regime amalgamou a esfera civil e a esfera dos negócios eclesiásticos, mas cuidou do quotidiano das relações estado/igreja nas paróquias ao viabilizar acordos entre as disputas dos partidários dos portugueses e dos nacionais logo no alvorecer do estado nacional. A igreja foi atribuída à tarefa de pacificar as almas pelo ensinamento da concórdia pela submissão ao invés do conflito como testemunhavam as recentes revoluções da virada do século XVIII e XIX, quando as sociedades foram convulsionadas em todas as esferas, sobretudo nas relações políticas. O caso paraense é ilustrativo desse caminho quando os bispos investidos na diocese apascentaram os revolucionários derrotados, enquanto descobriu na romanização nascente

uma oportunidade para ensinarem a doutrina da igreja contra o liberalismo, a modernidade e o século.

Em nome da liberdade de pensamento e, paradoxalmente, ao mesmo tempo da obediência devidas pelos prelados, observaremos como o catolicismo foi visto como um instrumento de redenção do império, embora ratificado o princípio da autoridade civil sobre a religiosa, este é um instante de teste sobre o futuro das forças da tradição. A igreja do início do império no Pará foi abertamente acusada de ser liberal, sobretudo pela intervenção dos religiosos ao lado dos nacionais contra os portugueses reticentes em abandonar os postos de poder; embora já proclamada à independência, os partidários do imperador rapidamente foram identificados com os portugueses, resguardando as posições de mando e prestígio na burocracia na província do Grão Pará, dispensando aos brasileiros postos secundários ou de pouca influência real, esta situação logo fomentou um sentimento de insatisfação política dando azo ao maior conflito na região nos anos de 1830 e 1840. Pacificada a revolta dos patriotas ou Cabanagem, como foi alcunhada pelas tropas imperiais, continuou a pulsar as contradições sobre a gestão do governo e a implementação de processos cujo fim era a incorporar-se à modernização da economia mundo do oitocentos.

Dois atores coletivos se apresentaram como arautos do bom governo considerando a cultura liberal nascente e a segurança da ordem. Mais antiga e mal posicionada, a igreja católica tinha o legado da cultura letrada, da formação das elites na direção do estado, mas, sobretudo ainda persistia hegemônica nas mentalidades das classes subalternas como podiam atestar as muitas modalidades de experimentar a religião nos países aonde o catolicismo conseguiu colocar-se ao lado do estado. Contudo a revolução burguesa foi em essência cometida contra a ordem social e política do regime absolutista, cuja característica do estado fundido à igreja encontrou senão seu ocaso, ao menos deslocou esta última mais para condição secundária na direção do estado. Mais nova e melhor situada à maçonaria ganhou foros de liberdade e conquistou representatividade ao difundir um ideário liberal e de modernização cuja penhora foi colar sua imagem nos processos de independência das colônias e na propaganda do ideário de liberdade e igualdade nas revoluções burguesas.

Os conflitos da igreja com a maçonaria durante o século XIX iram variar de grau e qualidade. Se genericamente há uma percepção da negação da igreja para com a maçonaria, nem assim podemos desconhecer as interações entre um e outro, de modo dramático, as refutações das crenças dos “pedreiros livres” feitos nos documentos oficiais fossem bastante rígidos, o credo maçom havia feito importantes conquistas entre os membros do clero. À revolução das mentalidades a igreja respondia com a doutrina exarada em muitos documentos papais no qual ratifica a sua visão de mundo e aponta os erros do século como responsáveis pelas agonias daqueles dias. Ensinou Gregório XVI na *Carta Encíclica MIRARI VOS a todos os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Orbe Católico*, sobre as aflições do mundo, particularmente dos católicos, apesar da dor por ver o estado de cerco imposto à igreja, proclama:

dirigimo-nos a vós, a quem vemos cheios de angústia, ao considerar a crueldade dos tempos que fluem para com a religião que tanto estremeceis. Na verdade, poderíamos dizer que esta é a hora do poder das trevas para joeirar como o trigo, os filhos de escol (Lc 22,53); "a terra ficou infeccionada pelos seus habitantes, porque transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a aliança eterna" (Is 24,5). Referimo-Nos, Veneráveis Irmãos, aos fatos que vedes com vossos próprios olhos e todos choramos com as mesmas lágrimas. A maldade rejubila alegre, a ciência se levanta atrevida, a dissolução é infrene. Menospreza-se a

santidade das coisas sagradas, e o culto divino, que tanta necessidade encerra, não é somente desprezado, mas também vilipendiado e escarnecido. Por esses meios é que se corrompe a santa doutrina e se disseminam, com audácia, erros de todo gênero. Nem as leis divinas, nem os direitos, nem as instituições, nem os mais santos ensinamentos estão ao abrigo dos mestres da impiedade.<sup>4</sup>

À vista de tempos apocalípticos disserta sobre os males do século uma vez mais ao indicar ser a ação provocada pelo poder das trevas, fruto do rompimento da ordem como estava assentada a sociedade tradicional. Toda a reviravolta nos costumes havia causado a ruptura da aliança dos homens com deus, provocando a transgressão das leis, afetando todo o regime de direito herdado pela doutrina da igreja, ao conformarem o direito novo das sociedades contra a sociedade da igreja colheram a desordem como em tempos bíblicos havia ocorrido em Israel. O sofrimento presente só poderia ser superado com o reconhecimento da igreja na qualidade de diretor de almas e da cidadania, pois os lamentos precisavam de uma regeneração prática cuja salvação estava na preservação dos direitos da igreja desde tempos imemoriais. Tardar em colocar em acordo o tempo secular com o tempo sagrado constituía o ensinamento basilar da romanização. Credita aos inimigos da igreja a vitória da maldade justamente por esta ter sido deslocada de seu posto de frear as paixões humanas como o fizera por quase dois milênios. Confrontar a secularidade é o objetivo da igreja romanizadora no século XIX. Ensinar que a ciência não tem a última resposta sobre todas as coisas do universo é o ministério da igreja, sem necessariamente recusar a importância da educação como dera testemunho em muitos momentos, particularmente na América cuja contribuição das ordens religiosas para o empreendimento civilizatório havia deixado marcas indeléveis.

Este ensinamento do papa não chega a conformar-se em novidade quando considerarmos o conjunto dos pronunciamentos papais para o *Orbe Católico*. Na prática a recitação desse valor servia para atualizar a mensagem já presente na mentalidade católica de então. Andrea, governador da província do Pará é um representante desta concepção da igreja como redentora das almas<sup>5</sup> e do século ao conter o espírito desenfreado causado pela liberdade, notadamente da liberdade de imprensa, das lutas políticas que levaram a dissolução da autoridade. Andrea revisita os ensinamentos do papa ao tributar todas essas faltas a ausência da religião manifesto no menosprezo da “*santidade das coisas sagradas, e o culto divino, que tanta necessidade encerra, não é somente desprezado, mas também vilipendiado e escarnecido*”. A fala do papa encontra-se em sintonia com o discurso do governador do Pará ao capturar as consequências da subtração da religião e a santa doutrina do horizonte do século enquanto deixavam ser guiadas pela doutrina liberal e suas forças corroendo a ordem social.

As revoltas no século foram denunciadas como ruptura das leis divinas ao recusar à igreja entre outras coisas sua primazia no ensinamento da salvação, o direito às propriedades eclesiásticas, ao governo soberano da religião e a constituição de instituições. De um modo geral o liberalismo é o inimigo, porém ele move-se por meio das sociedades. Mas o que há de tão temeroso nestas sociedades? Pelo adjetivo de ímpio, o papa refere-se a uma enormidade de erros recorrentes cujo intento era demolir a sociedade tradicional, a igreja e doutrina expressa na visão teológica da história. Surpreende a igreja que outro se dispunha a ensinar todo vasto campo de conhecimento sem lhe pedir anuência, tanto quanto questionar os santos ensinamentos julgando possuir competência para sancionar o certo e o errado. Esta audácia só foi imposta pela erupção das forças das trevas compromissadas em derrotar as forças da tradição, cuja igreja representava. O adjetivo *soberbo* completa o juízo feito sobre essas forças, acreditam serem superiores a ponto de

marcar um novo começo para história da humanidade no século, fundado em instituições humanas e não em instituições divinas como acredita ser a própria igreja, extraindo por conclusão o objetivo de *enfraquecer a religião católica e descristianizar a cultura*.

Andrea foi aliado da igreja ao reportar a esta a tarefa de proteger a sociedade destes dissabores originados com as revoluções.<sup>6</sup> Somente a presença vigilante e forte da religião do estado como estava assinalado na constituição brasileira de 1824 em seu Art. 5º poderia afastar o risco da desordem. Se o papa via um combate à autoridade da hierarquia religiosa, no Brasil as queixas ao liberalismo no início do século não vieram da igreja, mas sim dos representantes do poder civil. Existia uma unidade religiosa entre estado e igreja; e o poder político requer constantemente a solidariedade da igreja para não ver a ordem vitimada como testemunha Andrea no relatório já mencionado.<sup>7</sup> Retenho o discurso de Gregório XVI para demonstrar como a romanização foi forjando seu apoio em sua própria tradição ao mobilizar a noção de continuo no tempo, no século, na história, para vincular sua prerrogativa de ensinar desde sua institucionalização por Cristo. Os adversários da igreja intentam desautoriza-la e para isso:

Combate-se tenazmente a Sé de Pedro, na qual pôs Cristo o fundamento de sua Igreja; forçam-se e rompem-se, momentaneamente, os vínculos da unidade. Impugna-se a autoridade divina da Igreja e, espezinhados os seus direitos, é submetida a razões terrenas; com suma injúria, fazem-na objeto do ódio dos povos, reduzindo-a a torpe servidão. O clamoroso estrondo de opiniões novas ressoa nas academias e liceus, que contestam abertamente a fé católica, não já ocultamente e por circunlóquios, mas com guerra cura e nefária; e, corrompidos os corações dos jovens pelos ensinamentos e exemplo dos mestres, cresceram desproporcionadamente o prejuízo da religião e a depravação dos costumes. Por isso, rompido o freio da religião santíssima, somente em virtude da qual subsistem os reinos e se confirma o vigor de toda potestade, vemos campear a ruína da ordem pública, a desonra dos governantes e a perversão de toda autoridade legítima; e a origem de tantas calamidades devemos buscá-la na ação simultânea daquelas sociedades, nas quais se depositou, como em sentina imensa, quanto de sacrilégio, subversivo e blasfemo acumularam a heresia e a impiedade em todos os tempos.<sup>8</sup>

Ratifica os diretos da igreja de reivindicar sua liderança no século como parte do direito investido por deus no que respeita a soberania da Sé de Roma sobre as outras dioceses, clero e fiéis; ao universalismo da doutrina ensinada por aquele bispo sobre seus irmãos no episcopado; sem ser esta implicada com paixões mundanas fruto do século ou ao exclusivo abrigo da razão sem a precedência da fé, querendo fazer da igreja mais uma repartição de prestação de serviços sem o respeito por sua autoridade. Com efeito, não aparece nenhuma defesa límpida destas características elencadas pelo papa no discurso proferido por Andrea diante da Assembleia Provincial do Pará, contudo a noção de civilidade expressa pelo presidente de província está em consonância com o ideário de ordem da sociedade tradicional, tanto quanto sua crítica aos signos da modernidade como imprensa livre e irreligião. Este ensinamento era caro ao poder civil no império e este reconhece ser a igreja a única instituição capaz de frear estas opções desregradadas segundo creia.

Aprender a ser segundo foi difícil para igreja. As reclamações sobre as pressões advindas desde sua coroação fizeram de Gregório XVI um resiliente nos termos descritos por Edgar Gomes.<sup>9</sup> Antes de coupar a Sé de Roma o papa havia escolhido a doutrina a justificar a sociedade tradicional para qual também contribuiu para fazer dele um

intelectual desta visão de mundo, assentando o esteio que permitirá posteriormente Pio IX decretar a *infallibilidade papal*.<sup>10</sup>

O texto e o contexto de revolução provocava a Europa, naquela ambiência as renúncias aos ideais de liberdade e igualdade ganharam expressão, tanto quanto as formas assumidas pelas rebeliões e revoluções no Brasil encontraram fortes opositores responsabilizando os muitos excessos produzidos pela ânsia de implantar o liberalismo. Desvirtuando mestres e jovens, os ensinamentos nos liceus e academias civis ofereciam interpretação diversa dos acontecimentos e da doutrina da religião tornando a todos presas dos interesses privados. Persistindo esta política o resultado seria a desordem pública com todas suas consequências.

Usando palavras ásperas como *sentina e torpe* no documento destinando ao ensinamento do mundo católico, o papa demonstra o estado de terror em seu espírito causado pela perseguição das ditas *sociedades* ao ministério da igreja. Revisita os temores da reforma ao qualificar de *sacrilégio, subversivo e blasfemo acumularam a heresia e a impiedade*. Espera com este pronunciamento flanquear o avanço da cultura liberal, herdeiro por excelência da quebra da sociedade holística durante a renascença quando a igreja vê minguar seu poder e prestígio. Acossado pelo pleito por reformas ao poder soberano nos estados papais, Gregório XVI sentencia a virtude da santa igreja na promoção da ordem, e o faz apontando ser vantajoso para conter as muitas sublevações nos territórios da Europa e da América. As tais sociedades abrigadas no segredo teriam maior oposição doravante.

Sem fazer menção explícita a maçonaria condena de forma genérica a liberdade com que pregam o mal certas associações nas suas assembleias por atarem o espírito de irmandade sem considerar a religião praticada em outras convivências religiosas, referindo-se aos protestantes, acusa de sectário a conduta, reservando para si a qualidade de virtude. Ojeriza à romanização a tradução dos sentimentos religiosos de piedade e afeto, pois o desejo aleivoso de subverter a ordem ao destituir a religião consignaria o intento destas sociedades e enxerga na apresentação das novidades à desarticulação da sociedade tradicional na qual a igreja tinha reconhecido seu poder espiritual e temporal. Esses são os ensinamentos da doutrina romanizada, convinha tornar este corpo de teses em catequese para assegurar a reprodução material e simbólica da igreja.

As liberdades sem a iluminação da doutrina seria a vitória da sedição nas coisas sagradas e civis. Estado e igreja deveriam unir-se para impedir a promoção o erro, ensinando como as liberdades devem estar a serviço da autoridade civil e eclesial. Os católicos deveriam armar-se com estes ensinamentos para barrar o crescimento destas sociedades e seus ensinamentos errados sobre o século ou sobre o espírito, varrendo as perturbações do mundo católico, quiçá, de todos os tempos no qual viceja a iniquidade. Voltar à sociedade tradicional é o princípio doutrinário, contudo a execução exigia recursos materiais e simbólicos indisponíveis aquela altura para a hierarquia romanizadora. Contenta-se a igreja em fazer pregações a restituir a autoridade à Sé de Pedro e seus irmãos no episcopado, sem desprezar a capacidade de ensinar o reto caminho da salvação no múnus pastoral do bispo e da santa igreja.

Reunidos em assembleias secretas os maçons partilhavam valores e cultura, parecia impossível a convivência de religiões católicas e acatólicas numa mesma confraria cujo fim seria proteger-se das investidas da igreja. Somente uma reviravolta no tempo secular era capaz de admitir tamanha iniquidade, por isso a igreja reage, sobretudo por encontrar entre os adeptos destes estatutos e leis diversos membros do clero irmanados pelo voto de silêncio.<sup>11</sup> Esta última peculiaridade suscitava mais desconfiança da igreja além de afiançar um espaço para consciência inviolável até mesmo ao tribunal da confissão. A despeito da

inquisição ter perdido muito de sua capacidade de controlar o grêmio da santa religião e ter sido declarada extinta nos anos de 1830, esta mantinha ativa a capacidade de formular juízos sobre os acontecimentos no tempo e sobre as condutas e comportamentos dos modos de 'ser igreja'. Causava muita desconfiança em todos os romanizadores os segredos proferidos nestas assembleias, quais ensinamentos podiam estar a salvo do Tribunal de Consciência? Quais ações eram promovidas e testemunhadas naquele insigne lugar? Porque o corifeu e os asseclas deste partido deviam ficar preservados?

Controlar as mentalidades e as riquezas tinha sido a ferramenta secular para igreja aliar sua causa a causa dos homens, devendo inquirir e dirigir as almas para a realização coletiva. Denunciar como erro esta pretensão de constituir organismos fora da sociedade da igreja constitui o ensinamento de Gregório XVI reforçando a linha inaugurada por Clemente XII de condenar a maçonaria por seu desejo de liberdade e de autonomia. *MIRARI VOS* indica como a autoridade da igreja de ensinar a verdadeira doutrina é algo insofismável:

13. Mas, tendo sido divulgadas, em escritos que correm por todas as partes, certas doutrinas que lançam por terra a fidelidade e submissão que se devem aos príncipes, com o que se alenta o fogo da rebelião, deve-se vigiar atentamente para que os povos, enganados, não se afastem do caminho do bem. Saibam todos que, como disse o apóstolo, toda autoridade vem de Deus e todas as que existem foram ordenadas por Deus. Aquele, pois, que resiste à autoridade, resiste à ordem de Deus e se condena a si mesmo (Rom 13, 2). Portanto, os que com torpes maquinações de rebelião se subtraem à fidelidade que devem aos príncipes, querendo tirar-lhes a autoridade que possuem, ouçam como contra eles clamam todos os direitos divinos e humanos.

Doutrinas..., merecem esta denominação? Curiosamente a igreja lhe empresta essa validade em termos conceituais para a seguir esgrimir contra suas consequências e não aos seus pressupostos teóricos; deste modo os juramentos de fidelidade tal como haviam sido instituídos na Idade Média perderam sua aura de santidade. A teleologia da igreja vê o rompimento das relações temporais quando corretamente interpreta haver uma valorização da categoria da rebelião contra o príncipe como o rompimento da ordem terrestre e de rebelião prática contra a ordem celeste; segundo interpreta a igreja ao enfatizar o aspecto da autoridade como ato livre da providencia, vis-à-vis a autoridade da Sé de Roma confirma no século o contrato social no qual a rebelião, sedição e revolução são marginalizadas junto com os teóricos que justificaram estes ensinamentos. Na história de longa duração do catolicismo este ensinamento foi sendo convertido em doutrina como assinala a encíclica:

14. Não era este, certamente, o proceder dos primeiros cristãos, os quais, para obviar a tão grave falta, mesmo que em meio das terríveis perseguições suscitadas contra eles, se distinguiram por seu zelo em obedecer aos imperadores e em lutar pela integridade do império, como provaram, quer no pronto cumprimento de quanto lhes era ordenado (sempre que não se opusesse à sua fé de cristãos), quer vertendo seu sangue nas batalhas, pelejando contra os inimigos do império. Os soldados cristãos, diz Santo Agostinho, serviram fielmente aos imperadores infiéis, mas quando se tratava da causa de Cristo, outro imperador não reconheceram que o dos céus. Distinguiam o Senhor eterno do senhor temporal; e não obstante, pelo primeiro obedeciam ao segundo (In Ps. 124. n. 7.). Assim o entendia certamente o glorioso mártir S. Maurício, invicto chefe da legião Tebana, quando, segundo refere

Euquério, disse ao seu imperador: Somos, ó imperador, teus soldados, mas também servos que com liberdade confessamos a Deus; vamos morrer, e não nos rebelamos; nas mãos temos nossas armas, e não resistimos porque antes de nos rebelarmos preferimos morrer (S. Eucher. apud Ruinart, Act. ss. mm. de Ss Maurít. et Soc., n. 4). E esta conduta dos primeiros cristão brilha com esplêndidos fulgores; pois é de se notar que, além da razão, não faltava aos cristãos, nem a força do número nem o esforço da valentia, se quisessem lutar contra seus inimigos. Somos de ontem, diz Tertuliano, e já ocupamos todas as vossas casas, cidades, ilhas, municípios, os mesmos acampamentos com suas tribos e decúrias, os palácios, o senado, o fórum... De que luta não seremos capazes, mesmo com forças inferiores, os que morremos tão alegremente, só porque em nossa disciplina é mais lícito morrer do que matar? Se, negando-vos a cooperação de nossas forças, nos retirássemos a um lugar distante da terra, a perda de tantos e tais cidadãos teria enfraquecido vosso domínio, digo melhor, quiçá o houvésseis perdido; não há duvidar que vos espantareis com vossa própria solidão... não encontrareis a quem comandar, teríeis mais inimigos que cidadãos; mas agora, ao contrário, deveis ao grande número dos cristãos o terdes menos inimigos (In apologet., cap. 37).

Os testemunhos de mártires e santos não deixam dúvida quanto à obediência ao poder temporal, tal como justificam a submissão do poder civil ao poder celestial ao invés dos ensinamentos das sociedades. Repousando na autoridade de deus, Gregório XVI concita aos príncipes e a audiência católica a não se afastar destes exemplos, acreditando poder dispor da maioria da população para defesa do catolicismo e da Sé de Roma. No entanto, apesar da maioria ser nominalmente católica esta não sentia o animo relatado entre os primeiros cristãos, obviamente a expectativa de redenção iminente não figurava mais em suas mentes e corações, podiam ser mobilizados para defender a sociedade tradicional como o fizeram muitas vezes, mas poderiam seguir estes erros tão propalados como assinala a pregação contra este proceder;

15. Estes exemplos preclaros de inquebrantável sujeição aos príncipes, baseados nos santíssimos preceitos da religião cristã, condenam a insolência e a gravidade dos que, instigados por torpe desejo de liberdade sem freios, outra coisa não se propõem do que calcar os direitos dos príncipes e reduzir os povos a mísera escravidão, enganando-os com aparências de liberdade. Este foi o objetivo dos valdenses, dos begardos, dos wiclefitas e de outros filhos de Belial que foram a desonra do gênero humano, tantas vezes anatematizados pela Sé Apostólica. Sem outro motivo senão o de se congratularem com Lutero por haver rompido todo vínculo de dependência, esses inovadores se esforçam audazmente por perpetrar as maiores maldades.

Tratando as sociedades como heresia, Gregório XVI usa o expediente recorrente da hierarquia ao criminalizar na terra e nos céu os modos de 'ser igreja' divergentes; não há capitulação, são coisas do demônio a perseguir a santa igreja como fizeram *valdenses, begardos, wiclefitas e de outros filhos de Belial*. Para cumprir o rito de ensinamento na Europa e na América a Sé de Roma precisava mobilizar a hierarquia católica reeditando suas crenças sob a forma de doutrina como atesta *MIRARI VOS*.

Varias outras encíclicas ensinaram aos católicos como proteger-se dos erros do secularismo, contudo estes continuaram aderindo aquela sociedade secreta; sem ter meios

de repressão física, restou à igreja validar sua doutrina por meio da reincidência da romanização como catequese. Quando as recriminações não bastaram, coube à igreja reformar o clero para apartasse das investidas do século.

Vários antecedentes confirmam este juízo como a Encíclica *Traditi* de Pio VIII ao convocar aos irmãos do episcopado mundial para admoestarem aos católicos sobre os perigos existentes nas sociedades secretas, pois ali estão identificados os inimigos da igreja na esfera espiritual e na esfera secular. Segundo acredita o papa querem os membros destas associações colocar por terra a sociedade tradicional, contrariando os desígnios de deus para convivência santa dos homens dirigidos pela igreja e governado pelos príncipes. Propagam em suas conferências secretas os supostos abusos da igreja, decorrendo deste ensinamento a importância do uso do primado da razão para alcançar a satisfação terrena, sem a preocupação imediata com a salvação terrena.

Os levantes políticos nos estados a exigir outro pacto no governo civil ocupou a igreja por ser esta também governante de muitas terras e ao ter de responder estas demandas, a igreja os qualifica como obra de corrupção do espírito do homem graças à confiança nas interpretações secularistas. Ensina a doutrina da igreja ser isto um erro, a despeito das proclamações feitas pelos papas, os homens no século conseguiram conquistar um espaço de realização sem ter de recorrer constantemente a sanção da igreja para dirigir os negócios civis. Reagiram os maçons a estas acusações alegando serem adeptos da crença em deus, e filhos da religião de seus pais ou de seu país. No Brasil sobretudo, os maçons católicos combatiam as sublevações políticas pelo temor da desordem social e o faziam em nome da verdadeira fé.

As sociedades e associações no século XIX acreditam poder dispor da cultura ilustrada como um arsenal a disciplinar a sociedade civil e o governo civil no século; se o homem tivesse o coração reto não precisaria de leis para dirigir sua conduta, pois saberia viver em sociedade sem ser uma espada sobre o seu semelhante; já não sendo este o espírito da maioria dos homens, a religião cumprira esta função de oferecer a civilidade por meio da repressão deste caráter vigente no mundo.

A mentalidade religiosa continuou a campear no seio destas sociedades como fica patente a noção da necessidade religião para o governo dos homens sob pena da vigência do caos, sendo obrigação do estado conservar a religião, proteger os sacerdotes, e pagar todas as despesas do culto. Este ensinamento teve abrigo no Brasil e será facilmente encontrado nos presidentes de província como foi o caso de Andrea.

Do passado continuaram a emergir as constantes recriminações à maçonaria como podemos atestar em *Providas* de 18/05/1751, pela pena Bendito XIV inflamando ao pastorado e ao rebanho quanto aos riscos da permanência nestas congregações no qual é confirmado o juízo anterior. Às vezes a guerra de mentalidades indicava a reviravolta do tempo ao trazer a balia a grande reforma católica processada desde baixa Idade Média. Sucessivamente os papas não recuaram da profissão de fé de marginalizar a maçonaria como antes demonizaram a Reforma;<sup>12</sup> doravante continuaremos a assistir a validação das primeiras teses sobre o perigo maçom devido à reunião ecumênica sob o manto do silêncio dos irmãos sem prestar contas ao poder temporal ou religioso. O caráter clandestino já havia despertado o poder secular, portanto, a rejeição da igreja convalidava a sentença de ilegalidade ditada na terra agora confirmada pelo poder dos céus. Ensinar ao lado de reprimir foi à tônica dos bispos romanizadores, mas uma vez tomo de empréstimo a categoria de catequese para demonstrar como as teses ultramontanas vão conformando o campo católico para reagir à cultura liberal.

Os encontros e desencontros com a maçonaria perseguem o século XIX devido ao mistério resguardado tão somente a igreja e não ao outro. Pio VII teve de enfrentar-se com

os estados nacionais saídos da revolução francesa, particularmente com França teve assinada a concordata cujo modelo foi reproduzido posteriormente; sua chamada para uma igreja de Jesus Cristo ilustra a dificuldade de centralizar a igreja devido à participação ativa de religiosos e padres nas colunas revolucionárias ou nacionalistas no México como representa Padre Hidalgo, ou na província do Grão-Pará como estava alistado o padre Batista Campos.

A década de 1820 assistiu a ruptura quase completa da separação das colônias ibéricas de suas metrópoles através de muitos arranjos institucionais. Coube à igreja ter de enfrentar uma nova realidade política cuja característica era a superação do poder colonial e a articulação de um poder secular, predominante republicano, a exceção do império do Brasil, embora não tenha de pronto suprimido a igreja do bloco de poder em todas essas experiências,<sup>13</sup> pois constitucionalmente o catolicismo continuou a gozar dos privilégios do regalismo ibérico, ficou patente a tendência de secularização do liberalismo contra as investidas católicas sobre o poder secular. Esta ameaça foi denunciada por Leão XII na Bula "Quo Graviora", repudiando qualquer possibilidade de um "*modus vivendi*" entre a igreja e maçonaria, não foi só um reforço às predicas anteriores, ela assinala o acento da escalada contra as sociedades secretas devido ao risco ao projeto da igreja de hegemonizar a cultura no ocidente. As concorrências no plano político e econômico entre igreja e os estados nacionais não mais retroagiria, a preponderância dos últimos sob o território havia delimitado os espaços de um e de outro, contudo interessava à igreja demonstrar ser capaz de colaborar na edificação da ordem social. As censuras e reprovações às sociedades secretas serviram de testemunho da posição da igreja quanto às desconfiças do poder temporal com organizações desse gênero e alinha no tempo as recriminações feitas pela aliança igreja e estado tal como a tese das 'duas espadas'<sup>14</sup> propugnadas por Gelasius, Inocêncio e Gregório VII.

Recrutados entre os diferentes segmentos, os irmãos maçons estão nos quadros da organização da sociedade civil do período numa plêiade diversa composta por clube de leituras, associações científicas, grêmios recreativos e imprensa. Os clérigos também foram assediados por esta experiência cultural quando puderam perseverar na busca da politização das ações junto à investigação propiciada pela aventura da modernidade. A propaganda das ideias liberais e a revolução são pedra de toque a inviabilizar a incorporação da maçonaria às muitas organizações reconhecidas pela Sé de Roma como portadora de alguma verdade. Trazer o clero para os corpos de combate da hierarquia católica foi um composto central da receita da igreja na rejeição da modernidade, recuperando-o da deserção tida por ímpia.

Se a igreja consegue se apresentar como una e fruto da revelação nem por isso podemos inferir seja essa impermeável às agruras do tempo. Desde o início da cristandade a igreja passou por muitas depurações, extirpando formas doutrinárias construídas inclusive naquela aurora como o arianismo<sup>15</sup> e outras convivências religiosas estigmatizadas como heresias. No século dezenove os desafios foram renovados, porém a igreja não podia mais contar com a infra-estrutura e os recursos de controle como a inquisição disposta sob a forma de Tribunal do Santo Ofício para assegurar a pureza da doutrina e culto responsável pela circunscrição católica apostólica romana. A inquisição fora varrida da grande maioria dos países e o controle do tribunal da consciência, embora muito ativo, não tinha meios de coerção física tão eficientes para manter o controle sobre os horizontes da tessitura mental; um esforço grande para igreja foi constituir um núcleo de fé não apenas doutrinário, mas ao mesmo tempo prático. O drama foi compor a rede com fios de materiais, resistências, cores, texturas e propriedades diferentes em um único tecido. Sobre a hierarquia dos bispos a igreja só alcança sua efetiva vitória institucional

com a validação do primado da infalibilidade papal como um exclusivo monopólio do trono de Pedro, reconhecido no Concílio Vaticano de 1869; posteriormente teve de domar a rebeldia restante do clero e os outros bispos recalcitrantes, mas desta vez armada pelo dogma pode confirmar sua posição de autoridade institucional sem ter de recorrer a espada do tempo anterior para forçar os obstinados a aderir a sua causa.

Pio VII contratou com os estados o reconhecimento do poder secular, obteve em troca a prestação de assistência material para prestação dos serviços simbólicos. Se a posição de secundar o estado não era confortável, ela correspondia à estimativa feita pela igreja para não se distanciar dos povos e sua tarefa de evangelização. Ao invés de tratarmos de meras concessões feitas a uma igreja combatida convém conferir o prestígio significativo contido na religião católica. As derrotas sofridas pela igreja com a revolução burguesa tornaram-na resilientes à sociedade moderna.<sup>16</sup> A singularidade da resiliência da igreja residia não somente na separação do poder secular do poder temporal, embora os conflitos do século XIX tenham essa característica, a preocupação da igreja versava sobre um cem número de tantas possibilidades como a gestão sobre os documentos religiosos que são também civis (certidão de batismo, de casamento e de óbito), instrução pública, cemitérios, educação feminina, sociedades e agremiações, finanças e porque não – gestão do estado. Muitos membros da hierarquia e do clero tornaram-se dignitários da política, contudo a igreja se ressentiu do programa representado por estes indivíduos. Ante a falta de centralização da igreja, cada um pode mobilizar os vários capítulos da enciclopédia ou da cultura liberal mais extensa, encontrando inclusive nas sociedades secretas o animo para impulsionar a modernização contra o antigo regime. Sem ter os meios efetivos para reprimir o clero e trazê-lo ao seio da hierarquia, até o rebanho lhe escapava, no entanto isso não autoriza a noção de uma vaga de descrença na igreja, tão somente constituía um leque mais representativo de cosmovisões do qual a igreja fazia parte, ou ao menos parte de seus membros teve naquele balsamo seu alento.

O paraense D. Romualdo de Seixas que chegou à condição de primaz do Brasil relata em suas memórias como sua formação doutrinal foi protegida por seu tio, D. Romualdo Coelho, devido à influência iluminista nas casas de saber em Portugal, profetizando ser temerário deixar um jovem a mercê daquelas ideias. Fica límpido o receio do bispo do Pará com a educação enciclopedista, sobretudo, jansenista e galicana, presente naqueles dias até nos seminários da metrópole; prefere entregá-lo aos mercedários em Belém para compor uma solida cultura religiosa antes do contato com os ensinamentos ao tipo da igreja galicana.<sup>17</sup> Exageros a parte, a cultura iluminista havia criado uma cunha nas estruturas mentais do século, sustentado outro devir para os homens, reclamava a ingerência da religião na modelagem do estado sem esta se autocriticar e suas relações com os regimes. A guarda alta não foi suficiente para proteger a igreja das investidas do século, coube então ordenar um recuo dos exércitos da igreja enquanto estavam sendo urdidos outros recursos para confrontar o século e inundá-lo com poder espiritual sobre o poder civil aonde fosse possível. Arrisco-me a afirmar ser o século XIX um campo mais que um tempo de gestação do modo de “ser igreja” fundado na digestão da cultura liberal.

A intrusão de homens de batina na política era tolerada, vastos são os exemplos de atividade parlamentar e executiva prestada por quadros da igreja, alguns casos até contra a igreja. A ideia de uma preferência pelas coisas sagradas teve de esperar a romanização consolidar este valor para poder catapultar a excelência do sagrado sobre o secular na modernidade. Se antes da revolução burguesa, cardeais e bispos ostentaram posições doutrinárias e políticas contra a Sé de Roma, não há motivo para no pós-revolução deixarmos de encontrar Antístetes e clérigos debruçados sobre a gestão dos estados. Com efeito, a igreja encontrou sua centralização ao promover a interação dialógica do

universalismo católico da Sé de Roma sob a capilaridade nacional das dioceses. Obviamente isto não era um script do início do século, antes foi à conformação do campo católico em tensão com a cultura liberal que consolidou aquele modo de “ser igreja”. Se o vitupério à modernidade continua no ensinamento dos bispos<sup>18</sup>, a substancia da modernização pode ser incorporada às relações estado e igreja como fica saliente na Pastoral Coletiva dos Bispos de 1890.<sup>19</sup>

D. Afonso Torres esteve entre os dois bispos, Romualdo e Macedo, dele pouco ficou na historiografia da nacional e da Amazônia, esta é uma história a ser construída. De seu temperamento não chegamos a ter muitas pistas, sua condição de líder da igreja não está em causa, acredito ser relevante captar a diretriz ultramontana mesmo na conjugação da diocese com o poder civil da província graças ao modo de intervenção escolhido por D. Afonso quando resolve participar das lides políticas no Pará e depois na recém criada Província do Amazonas como candidato a deputado pelo partido conservador. Teve o afortuno da requisição da igreja e do clero pelo estado para repactuar a sociedade pós Cabanagem. As forças legais do império não deixam de dispensar medidas com a religião oficial para desqualificar a revolta, senão como opróbrio das mentes ingênuas ou guiada por ambição.

D. Afonso Torres, 9º bispo do Pará foi um filho do ultramontanismo ao reproduzir os ensinamentos sobre a sociedade tradicional e os direitos da igreja de ensinar a fé iluminando a razão; mas esta não era sua única identidade, lhe era cara a cultura católica da longa duração na qual a convivência com os santos e a devoção estava fortemente imbricada na experiência da fé, por isto fica patente sua conciliação com este modo de “ser igreja” cuja característica é a devoção, reconhece estas manifestações dentro da doutrina, criando uma clivagem entre seus ensinamentos e os ensinamentos de seu sucessor. D. Macedo também fez concessões ao catolicismo devocional, mas ensinava os sacramentos como núcleo da doutrina.

É fato, D. Afonso exerceu seu pastorado sob o signo de dois fundamentos do ultramontanismo cujo cerne era o combate à modernidade. MIRARI VOS outorgada por Gregório XVI, em 15/08/1832, seguida da declaração de Guerra de Pio IX, QUI PLURIBUS, de 9/11/1846. Uma só visão de mundo reunia estas encíclicas, A igreja continuava a ser o centro da cultura material e espiritual a despeito das conquistas advindas da modernidade. Sem engano, os papas rejeitam *in totum* todas as aberrações modernas.

Havia um esforço para separar as modernizações da modernidade, assim como justificavam a separação da tradição da igreja tradicional. Da parte dos liberais existia de bom grado um reconhecimento à tradição da igreja quanto ao ideário de fé e caridade, no entanto eram denunciadas as usurpações cometidas contra a sociedade, sobretudo contra o estado. D. Afonso Torres escolheu ensinar o modo correto de apreender a razão como foi assinalado em sua obra *Livro escrito devido à necessidade de apresentação de um Compendio de Philosophia Racional que apresentasse uma doutrina pura e expurgada dos princípios do sistema eclético, que minam surdamente os alicerces da Religião de Jesus Cristo*.<sup>20</sup> Nesta obra para formação dos seminaristas denuncia as incompreensões liberais e valida a doutrina da igreja como única possível, ali residia a salvação da esfera secular no encontro com a esfera espiritual. Este é um dos exemplos de refutação da causa moderna promovida pelo bispo em sua diocese em sintonia com as encíclicas papais.

A multiplicidade de dioceses no Brasil império não chegou a constituir o episcopado nacional, somente o conflito estado e igreja permitiu a constituição do campo católico em reação aos ensinamentos da cultura liberal. A atualização da catequese como romanização foi uma reinterpretação da cultura de conversão à fé católica já praticada na história da igreja. Desta vez não foi indígena o seu objeto, mas o católico por excelência.

Este deveria ser formado pelos ensinamentos do bispo em como esteio moral e espiritual para defender a sociedade tradicional. Por esta operação teórica e prática a igreja reinventa o sagrado no século.

Enfatizando a relevância da ordem e do respeito devido à igreja, os bispos deram prova de vitalidade do ensinamento da doutrina para combater o *erro* da secularização. O êxito não foi pleno, a secularização continuou a expandir-se, mesmo a sociedade tradicional representada pela igreja criou um *modus vivendi* com os estados nacionais e os programas de modernização. Por esta intervenção a igreja demonstrava a esfera secular seu valor para prover o consenso na sociedade moderna.

## Notas

---

1 Prof.Dr.Faculdade de História da Universidade Federal do Pará. fafn@ufpa.br.

2 O financiamento do Programa PARD da UFPA ao Projeto: Dom JOSÉ AFONSO DE MORAES TORRES: o debate da cultura liberal com a cultura católica.

3 Ver tese sobre formação do episcopado nacional. Neves, F. A. F. SOLIDARIEDADE E CONFLITO: ESTADO LIBERAL E NAÇÃO CATÓLICA NO PARÁ SOB O PASTORADO DE DOM MACEDO COSTA (1862-1889). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 2009.

4 <http://agnusdei.50webs.com/mirari.htm>.

5 “Vós sabeis Senhores, ao estado de furioza anarquia a que chegou esta Província arrastada ‘ao abismo pela liberdade, ou antes licença da Imprensa ; pela impunidade seguida e systema de todos os crimes, especialmente dos que e encaminhavam a subversão da Ordem; pela insubordinação de todos os Empregados Militares, ou Civiz ; pelo desprezo, menoscabo, e insulto feito impudentemente as primeiras autoridades; e finalmente, pela jactancia descarada com que homens ignorantes ostentão a sua iminoralidade, a sua irrelição, o seu profundo desprezo pelas formas estabelecidas do Culto devido ao Ente Supremo; atrevido-se até a negarem a sua existencia, quando não são capazes de compreenderem nem os movimentos do Mundo que habitão”. Discurso do Presidente da Província do Pará de 1838. <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u987/000002.html>.

6 No Discurso feito por Soares Andrea em 1838 sobre a repressão à Cabanagem compara com as outras revoltas do período: “*Dizer-vos senhores, que estas forão as causas das horrorosas desgraças porque passou esta província; que estas forão as causas dos males porque tem passado a Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul; e estão ameaçando a da Bahia; que estas são ainda as causas que ameaça a existência do Império do Brasil, e dizer-vos bem claramente que deveis pôr quanto esteja da vossa parte para a destruição do gérmen de tantos malles, estatuinto medidas que lhe sejam diametralmente oppostas.*” <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u987/p3>.

7 Cf: O Discurso feito por Soares Andrea em 1838 na sessão Culto divino, estabelecimentos Eclesiástico. P 6. “*Sendo um dever de todo o Ente, que pode convencer-se de que existe, adorar o Ente Supremo que lhe deo o ser, e agradecer-lhe quanto nelle cabe essa mesma existência, he por consequência o culto dividido a Deus a primeira obrigação de todos os homens; pois que no mundo que habitamos, somos os únicos senhores d’elle pela excelência de pensar-mos, e de porder-mos comunicar nossas ideias. Destes dever, e da convicção em que estamos, pela nossa mesma consciência, de que possuímos huma alma imortal, nasce a necessidade de huma religião, que he a fonte de todas a moral. Se hum homem ilustrado e de coração recto não precisa de leis para dirigir sua conduta, e não ser incômodo e pesado aos seus semelhantes, há desses poucos homens, e a todo o resto he preciso que ou temao os castigos rigorosos, inevitáveis neste mundo; ou a sua perdição eterna no outro: precizão por consequência todas as Sociedades de huma crença e de huma religião. He, pois da obrigação de todo o Governo conserva uma religião; proteger seus sacerdotes, e pagar todas as despesas do culto. O desprezo com que hoje se tratam todos, ou quase todos os principios da religião de nossos Pais, he quem me obriga a fazer-vos estes pequeno exórdio, para que o publico entenda que concorrer para as despesas necessárias a decência do culto, e que os empregados eclesiásticos fazem huma parte constituinte da nação.*” <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u987/>.

8 <http://agnusdei.50webs.com/mirari.htm>.

9 Resiliência diz respeito a capacidade de recusar a inovação teórica e prática na experiência e nas instituições. Ver: GOMES, Edgar Silva. *A Separação Estado-Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2007.

10 Gasparetto, Antonio. O Contexto Histórico da Encíclica Mirari Vos (1832). *Revista Estudos Filosóficos* nº 3 /2009 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG. Pág. 43 – 56.

11 Para acompanhar a discussão sobre as intervenções da maçonaria nas lides do século XIX ver; BARATA, Alexandre Mansur, Luzes e Sombras: a Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910), Ed.Unicamp, Campinas, 1999. Do mesmo autor: *SOCIABILIDADE ILUSTRADA E INDEPENDENCIA DO BRASIL (1790-1822)*. Juiz de Fora/São Paulo: Editora UFJF/Annablume, Fapesp, 2006.

12 Há um debate bastante profundo como a reforma altera substancialmente o modo de perceber o homem cuja crítica à sublimação da esfera secular deixa de ser rejeitada para compreender a constituição do indivíduo na teologia liberal. Ver: DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, primeira edição francesa de 1978. HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1984, tradução de versão condensada em inglês. LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou. Cátaros e católicos numa aldeia francesa 1294-1324*. Lisboa: Edições 70, s.d., primeira edição francesa de 1975. DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, edição norte-americana de 1975. GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, edição italiana de 1976.

13 Dussel, Enrique. *História Liberationis: 500 Anos de História da Igreja na América Latina* (1992). São Paulo: Editora Paulus

14 Para ver esse debate: Andrade, William César de. “*As duas espadas*” – conflito na interpretação historiográfica do Brasil Colônia”. *Revista de Estudos da Religião* Nº 1 / 2004 / pp. 91-112. COSTA, Marcos R. N.; PATRIOTA, Raimundo A. M. **Origens medievais do Estado moderno: contribuições da filosofia política medieval para construção do conceito de soberania popular na modernidade**. Recife: PRINTER/INSAF, 2004.

15 Hilário de Poitiers. In: *Cristina Perna de Andrade. Tratado sobre a Santíssima Trindade: Tradução (em português)*. São Paulo: Paulo, 2005. DI BERARDINO, Ângelo (org). *Dicionário Patrística e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/ Paullus, 2002. LADARIO, Luis F.. *Dicionário de Santo Hilário de Poitiers (em português)*. Monte Carmeli: Burgos, 2006.

16 Gomes, Edgar da Silva. A reaproximação Estado-Igreja no Brasil durante a República Velha (1889-1930) *Revista de cultura teológica*, ISSN 0104-0529, Año 16, Nº. 62, 2008 , págs. 95-110.

17 Reis, Arthur Cezar Ferreira. D. Romualdo Coelho: esboço bibliográfico. Belém, s/Ed. 1840, p.22.

18 Observar como a imprensa católica no Brasil continua essa tradição na república. GONCALVES, Marcos. Missionários da 'boa imprensa': a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2008, vol.28, n.55 [cited 2011-03-24], pp. 63-84 . Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000100004&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-0188. doi: 10.1590/S0102-01882008000100004.

19 D. Macedo aponta os fundamentos da doutrina católica que integram a existência do poder secular civil e o poder eclesiástico. Sem refutar a posição anterior da igreja quanto aos regimes antigos e novos, o bispo ratifica uma interpretação atemporal e a-histórica na qual estado e igreja são poderes instituídos pela divindade voltados às esferas distintas e complementares anunciando ao poder recém erigido as bem-aventuranças quando observadas: “Por ordenação divina, dignos cooperadores e filhos muito amados, dois poderes perfeitamente distintos e independentes, constituindo sociedades diversas, regem a humanidade e, por meios apropriados, a encaminham à consecução do fim peculiar a cada uma delas — o poder *eclesiástico* e o poder *civil*, ou por outra, a Igreja e o Estado. A distinção entre as duas sociedades que acabamos de nomear origina-se antes de tudo na diversidade de fins em que cada um põe a mira. O Estado tem por alvo um fim meramente natural, que se realiza e completa aqui na terra, e ele atinge tal fim quando, promovendo a ordem, a paz, a prosperidade pública, consegue encaminhar os seus súditos à posse da felicidade temporal. A Igreja tem um alvo incomparavelmente mais levantado. Ela olha para um objetivo superior, posto além dos

---

limites do tempo, e que, por isso mesmo que transcende as forças da natureza humana, se chama sobrenatural: este objetivo é a felicidade eterna, cujo gozo se não pode alcançar senão mediante intervenção e auxílio da graça divina, cooperando com ela o livre alvedrio do homem. Assim a felicidade eterna, que consiste na posse e fruição de Deus — termo final a que visa a Igreja — não se realiza e completa senão no céu. Entretanto aqui na terra é que essa felicidade se prepara pelos árduos labores e combates da vida cristã; aqui na terra é que se empenham valorosos esforços e se sustentam renhidas pelejas para atingi-la um dia; aqui na terra é que se adquirem, apuram e entesouram méritos para recebê-la no céu, como glorioso galardão que é.” Pastoral Coletiva de 1890, <http://www.permanencia.org.br/drupal/node/1327>, capturado em 9/3/2011, 21:17.

20 TORRES, D. José Afonso de Moraes. *Compêndios de Philosophia Racional*. 1956, p. 3.